DO ATO COMUNICACIONAL À IDENTIDADE: RELAÇÕES ENTRE TEMPO E O SUJEITO

FROM COMMUNICATIONAL TO IDENTITY: RELATIONS BETWEEN TIME AND SUBJECT

Guilherme Martins Batista[1]
Orientador: Rafael Grohmann[2]

Resumo: O propósito deste artigo é explorar a questão da identidade e sua transformação dentro da sociedade atual midiatizada. O objetivo é expor as constituições da memória no sujeito, com o viés de Jiani Bonin, suas mutações na constituição de suas percepções e afetações, além de expor a formação de sua capacidade de identificação. Neste senti-

1. Estudante de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero e Filosofia na Universidade de São Paulo – FFLCH. Autor do artigo: Comunicação, afeto e sensível: apresentações de Cremilda Medina e Muniz Sodré. E-mail: guilhermembatisa@gmail.com.

2. Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP). Coordenador Adjunto e Professor do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM. Professor do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Coordenador do Grupo de Pesquisa "Jornalismo, Mercado de Trabalho e Novas Linguagens" (FIAM-FAAM) e integrante do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT - ECA/USP) e do Grupo de Pesquisa "Teorias e Processos da Comunicação" (Cásper Líbero). E-mail: rafael-ng@uol.com.br

do as abordagens de tempo e memória, por Henri Bergson, darão um fundo possível para uma discussão da constituição do indivíduo atual entre Stuart Hall e Alberto Melucci.

Palavras-chave: Identidade. Midiatização. Comunicação.

Abstract: The purpose of this article is to explore a question of identity and its transformation within today's society. The objective is to export as constitutions of memory on subject, with the concept of Jiani Bonin, their mutations in the constitution of their perceptions and affectations, in addition to the formation of their identification capacity. In this sense, as approaches to time and memory, by Henri Bergson, will give a possible background to a discussion of the constitution of the present individual between Stuart Hall and Alberto Melucci.

Keywords: Identity. Midiatization. Comunication.

1 Introdução

Diante de uma inquietação acerca das afecções que o mundo midiatizado dá conta de nos atingir, surgiu uma problematização da questão do lugar do indivíduo dentro do corpo social e a maneira com que ele se modifica e se aplica diante das interações massivas e recepções constantes midiatizadas. O processo de constituição do sujeito, sua memória e suas percepções nesta sociedade da informação são casos de modificação que passaram a chamar a atenção.

Um dos principais pontos de partida para entender como estes fenômenos se entrelaçam e constitui o indivíduo atual, nesta sociedade ocidental, é a questão da identificação dele próprio e socialmente, ou seja, a questão da identidade. Dotado de peculiaridades e uma imensa capacidade de se reorganizar a todo momento, o sujeito passa a constituir um tipo novo de existência nessa multiplicidade de fenômenos, tempos, durações e necessidades.

Para isso, serão usados alguns conceitos e falas abordados por Stuart Hall, em seu livro "*A identidade Cultural na Pós-Modernidade*" (2006). Seu conceito de identidade no mundo pós-moderno se caracteriza pela fragmentação e

como ela pode ser ganhada ou perdida dependendo da maneira como você age, ou seja, que não é um processo automático e firme, dentro da reconstituição do sujeito em diferentes grupos sociais.

Este ponto de mudança, forma um jogo de identidades (Hall, 2006), que se cruzam, deslocam-se, e se apropriam de certos fenômenos, mais que sua própria identificação de classe social e cai na questão dos anseios, desejos, crenças e até interesses próprios. Não trataremos da modernidade tardia ou a diferença em um contexto de grupos ou nacional de identidade, mas sim de um processo entre o próprio indivíduo com si e com o indivíduo e a sociedade.

A questão vista é própria de uma consequência do mundo moderno. O tempo, hoje, escasso e abruptamente objetivado em características de obrigação. A duração, como conceito abordado por Henri Bergson, como uma referência ao tempo qualitativo, que não pode ser traduzido por símbolos, representações ou conceitos, mas apenas algo contínuo tocado pela intuição. Esta ideia, que precede o tempo científico, mensurável e divisível, é deixada de lado e isto tem certas complicações quanto ao ser.

A partir disso, dentro de uma realidade objetiva e prática, o indivíduo se constitui nela como constantes absorções daquilo que é dado, principalmente em um *bios midiático* e *virtual* (Sodré, 2006) que estamos imersos. A midiatização promovida pela sociedade nos fornece informações dadas a todo momento e a presença da mídia passa a se intensificar, estruturando e elaborando a realidade. O consumo de informações passou a ser algo compulsivo e que reconfigura o ser, com poucas brechas para sua retirada, que não causem um efeito catastrófico em sua identidade, em muitas das vezes gerando um fenômeno alcunhado por *identização* (2004), que Alberto Melucci trata em seu livro “O jogo do Eu”.

O consumo, onde os elementos midiáticos entrelaçam-se às apropriações do indivíduo e, como uma mediação, nos vale como uma espécie de pano de fundo, que está diretamente relacionado com a construção da nossa visão de mundo. Alinhando consumo com recepção, que Canclini (1999) demonstra fazer parte da ressignificação do indivíduo,

é necessário aqui agregar o conceito de memória midiatizada, de Jiani Bonin. Com as marcas de identidade, as percepções passam a ser reconfiguradas de acordo com a memória que possui e a midiatização dela passa a formar um conjunto de lembranças até coletiva, que evoca à Halbwachs, que torna-se então chave para o entendimento de ligação entre a comunicação, a formação de uma identidade própria e suas mudanças no sujeito humano. Os indivíduos hoje se atrelam também por este elemento comum e identitário. Esta maneira de apropriação, dentro do *bios midiático,* dará certas características da identidade deste sujeito em questão e desembocará em questões mais críticas com sua relação com o tempo, principalmente.

Para esta discussão, o artigo científico foi dividido em quatro partes, onde discutiremos a noção de tempo e memoria, com uma visão bergsoniana, trataremos da relação entre consumo e midiatização, para mapear onde o tempo e a memória de constituem nesta sociedade, usando o viés de Bonin, expondo alguns pontos em que há uma transformação das percepções e dos afetos. E, por fim, trataremos sobre a identidade, com relações entre Stuart Hall e Alberto Melucci, demonstrando como esses processos resultam num processo conturbado de identidade do indivíduo e tentaremos até traçar alguns aspectos modificados por esta relação, principalmente na comunicação do sujeito social.

2 Tempo e Memória

Na ótica tradicional do ocidente, os fenômenos estão imbricados em uma lógica racional e prática, em que a temporalidade é quantitativa, mensurável e divisível em todos os processos sociais exigidos pela própria sociedade. As características de imediatismo estão presentes na lógica atual e as informações são mensuradas de acordo com a sua operacionalidade técnica, ou seja, a velocidade com que se dá no tempo, seu espaço limitado e baixo custo. A midiatização dos fenômenos contempla e acirra as disputas por espaços, tempos e atenções do indivíduo.

Este tipo de mudança no processo será altamente inserido pelo indivíduo que se comunica o tempo todo com estes dados produzidos pelo mercado. O tempo é marca de fazeres e pauta, padronizando toda a relação em sociedade. As marcas são necessárias para o convívio sim, todavia, algumas marcas ilimitadas de consumo dessas informações espaçadas pelo tempo acabam por eliminar e se sobrepor às outras.

Os dados ilimitados dentro deste campo midiatizado, gerido por um tempo objetivo, causa um grande paradoxo para quem está inserido nele e o consome. As informações, imediatas dentro de um certo tempo, exige que uma consciência dê conta de absorver e representar os fenômenos ao nosso cérebro, todavia, não é algo que tenha uma duração necessária para que isso aconteça, ou seja, não há uma espessura deste tempo estendido para que cada informação seja apropriada pelo indivíduo.

A relação entre tempo e duração se diferenciam pela sua capacidade de ser medido. Enquanto o tempo é espacializado, algo quantificado dentro de sua vida de vigília que serve para mensurar e padronizar as coisas que acontecem. O capitalismo industrial nos deixou uma herança muito forte que é a artificialidade e finalidade do tempo. Ou seja, ele não é algo que está dentro da percepção humana, agora é uma medida universal que “permite comparar e mudar valores, prestações e recompensas” (Melucci, 2004, pág. 26), não fazendo distinção alguma entre experiência individual e o ritmo que ocorre, e, ao mesmo tempo, ele possui uma ideia definida e um direcionamento acerca do fim dos fenômenos. Todavia, o que ocorre, neste tempo dissolvido no espaço, elimina a questão subjetiva e o trabalho do consciente humano. Os estados internos de consciência, segundo Henri Bergson (1988), são uma multiplicidade qualitativa de estados psicológicos que se interpenetram e mudam constantemente. A duração não é algo divisível e sim contínuo e fluido.

Estes dois conceitos bem abordados no mundo que vivemos serve de base para compreender o fenômeno da midiatização e a forma como a comunicação se dá neste campo. Em constante exigência de conteúdos e tentativas

de afetar o consumidor, as imagens criadas introduzem uma multiplicidade de tempos. Cada uma, em seu complemento exige um direcionamento de percepção e migra instantaneamente o indivíduo com sua atenção. Estes ritmos colocados "exigem distanciamentos, desvios e interrupções que fragmentam a percepção da continuidade e exigem passagens rápidas, adaptações frequentes, flexibilidade e sintonização" (Melucci, 2004).

Estas relações, segundo Melucci, se encontraram na relação de tempo externo e interno, ou seja, nas características de seus sonhos, desejos, afetos e emoções, em contra partida da regulação social e exigência de certos parâmetros. Não entraremos em muitas explicações aqui, mas a medida de abertura do sujeito para o tempo exterior, em contrapartida com o tempo interior, forma uma autonomia individual, necessária para um indivíduo se reconhecer como ser, único, dentro de um sistema social e, principalmente, "em um espaço vivenciado basicamente pelo registro simbólico, a relação com o corpo tende a desparecer" (Melucci, 2004).

O próprio corpo se relaciona com o interior e isso é alcançado pela sua experiência pessoal. O corpo está diretamente ligado à mente, sem a distinção cartesiana dualística, e se compreendem juntos. Há a necessidade de se abrir, pois há uma relação entre sujeito-sociedade que é a própria reorganização social, mas, há também o sujeito-sujeito, que precisa de si. Porém, dentro desta sociedade, este sujeito está refém de intensas descargas simbólicas promovidas pela mídia e isso gera um grande problema, pois, a partir do momento em que nossa percepção é colocada diante destes produtos, a nossa memória se cria a partir destes elementos, transformando nossas identidades, a partir do momento em que é formada por nossa interação com o meio também, e nos afetando de maneira compulsiva acerca dos símbolos, pois "na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças" (In. Matéria e Memória, Henri Bergson, O tempo vivo na memória, Eclea Bosi, 2011).

Algo que é tendência deste campo midiatizado são as relações entre sujeito e o objeto de consumo. As produções simbólicas se tornam afecções na medida em que há um

certo tipo de identificação com o indivíduo. Tomando o cone de Bergson como ponto de partida, é interessante perceber como a memória é um alicerce que se assenta no passado. Interfere diretamente na percepção do presente e na representação atual do universo do indivíduo.

Ou seja, os afetos serão promovidos de acordo com a memória que já consiste no Ser. Bergson retratará que ela teria, necessariamente, uma função prática de limitar o pensamento e ação do sujeito a reproduzir formas que já deram certo, todavia, há a percepção propriamente conduzida, mas não podemos deixar de falar dos pontos que não mantém esta confirmação proposta. O ponto crucial é entender que a memória produzida pelo ser inserido no *bios virtual* e *midiático* (Sodré, 2004) em questão será tomado por representações simbólicas acerca da própria produção que a mídia faz. A memória midiatizada (Bonin, 2004), passa então a ser então uma característica desse novo indivíduo.

A necessidade de estar dentro do *bios* virtual (Sodré, 2004) acentua ainda mais o consumo das imagens simbólicas promovidas e os processos. A virtualização cada vez mais direciona as percepções, formam a identidade do sujeito e reforça, por este tipo de experiência, sua própria constituição, levando ao processo de rememoração. Esta apropriação que se faz de certos símbolos surge com o consumo do indivíduo dentro do campo comunicacional, que “tendem ainda a reforçar ainda mais a dilatação simbólica e a contração perceptiva do espaço” (Melucci, 2001, pág. 30,).

O consumo simbólico (Canclini, 1999), como característica de ressignificação do ser, é mais um processo de reflexão em que a identidade passa a ser formada. Dentro desta relação midiatizada, os símbolos se engendram dentro de nossas perspectivas, dando um tom diferente nesta nova forma de vida. Pelo seu constitutivo e as diferentes acumulações, as mídias se acumulam, as mídias fazem parte do sujeito e que transformam suas afetações.

Estas práticas sociais mudaram de forma crítica as percepções do indivíduo social. As diferentes significações que surgem e a constante retomada de si colocará o sujeito em uma afirmação de si em constantes momentos. Ainda que

a experiência de memória mantenha-se no coletivo, como Halbwachs demonstra, o indivíduo estará voltado em si a maior parte do tempo externo e interno principalmente, todavia, com fenômenos midiáticos impostos.

Este processo de identidade e reafirmação do indivíduo parte dos reajustes de sua constituição perante o mundo. Sua autonomia e diferenciação ocorre neste exato momento e, com uma aceleração maior que os *bios* necessitam, há uma difícil medida de se abrir e se fechar ao mesmo tempo para este mundo.

Dentro da sociedade midiatizada, regido por um capital financeiro e a estetização generalizada pela ação da mídia, a capacidade de se constituir como indivíduo é atravessada por dados o tempo inteiro, o que impede seus sustentáculos, em vista de se caracterizar como autônomo e ao mesmo tempo o reconheça em outro. Porém, na lógica prática e imediatista, o indivíduo não dá conta dessa ilimitação. Essa característica dá ao sujeito uma ação contínua e maçante de autorreflexão em si próprio, na tentativa de construir si próprio, acerca dos dados que recebe deste campo vivido. Portanto, identidade já não é um termo propício para isso, pois, o sujeito, agora em movimento constante, não possui apenas uma herança e um dado que o individualiza, mas é constantemente modificado seu cerne e sim *identização* (Melucci, 2004), como veremos mais adiante.

3 Identificação e identização

Stuart Hall, em seu livro "A identidade cultural na Pós-modernidade", demonstrou como o sujeito moderno é deslocado, fragmentado e não possui mais sua individualização nas tradições e estruturas que o mundo de vigília lhe permite. O autor tratará dos fenômenos globalizados, as identidades nacionais, todavia, para nós, o viés do sujeito que será levado em conta. Para o autor, dois fatores cruciais para este movimento de nascimento do sujeito moderno, que não entraremos em muitos detalhes em todos, como: a concepção de sujeito-da-razão, que com os processos industriais pas-

sou a ser um cidadão que "se enredou nas maquinarias e administrativas do estado moderno" (Hall, 2006, pág. 24); e o surgimento das ciências sociais, onde localiza o sujeito em processos sociais e desloca o indivíduo dentro de uma sociedade, dando uma forma diferente que apenas o conjunto grupal homogêneo.

Mais além, Hall demonstrará como o sujeito foi descentrado. São cinco grandes avanços na teoria social, que para o autor, dão um impacto maior no desmembramento e na descentralização do sujeito. O primeiro é a característica do pensamento marxista, onde desloca qualquer tipo de agência individual, segundo Louis Althusser, pois Marx colocou, no centro de seu pensamento, as relações sociais e não uma noção abstrata de homem. O segundo desmembramento consiste no pensamento freudiano, com a noção de inconsciente, daí, que nossa estrutura de desejo "são formadas por uma base em processos simbólicos e psíquicos" (Hall, 2006, pág. 36) e a formação no olhar do Outro, como Lacan demonstra que se inicia na infância, inicia uma relação simbólica com o mundo e, segundo o autor jamaicano, o ser passa a viver dividido, mas vivencia sua própria identidade como unificada, apesar de todas as repressões, por exemplo. O terceiro desmembramento proposto é a relação linguista, pelo viés de Ferdinand Saussure, que demonstra o quanto o significado expressos na língua estão além de nosso esforço e que é altamente instável, mas procura uma identidade (fechamento), porém é conturbado pela diferença. No quarto descentramento Hall traz a questão de individualização em notoriedade de Foucault, em que demonstra o quanto os regimes disciplinares em nossa sociedade de vigilância expõem o isolamento e o sujeito individual, sendo este o principal objetivo das instituições. Por fim, Hall tratará dos novos movimentos sociais da década de 60, que ele alcunha de modernidade tardia, e até hoje ecoa em nossa sociedade.

Estes cinco conceitos são interessantes para entendermos a lógica com a qual o sujeito moderno foi descentralizado: primeiro as tradições caíram, apesar de estarem em nosso cotidiano e aparecem como uma facilidade enorme em tempos de crise; segundo que este descentramento do

sujeito é movido por questões externas que o colocam em movimento constante e ritmado, tal como seu nascimento burocrático e administrativo no estado, segundo Hall. Todavia, um ponto crucial do pensamento proposto é a questão da "crise de identidades", em que o autor questiona se há realmente uma e sugere uma nova forma de trabalharmos estas questões: percebendo que ela é móvel e direcionada para vários pontos, o termo identificação é proposto na tentativa de ter uma maior compreensão diante das representações que transformam o sujeito.

A partir deste ponto de novas significações e mudanças das representações que transformam o sujeito, há uma relação dialética no universo micro que Hall não estabeleceu dentro de sua obra. A condição entre sujeito-sujeito foi incorporada sem qualquer retomada de sentidos e significações dele próprio. A relação sujeito-sociedade é colocada como uma afetação fria, em que o deslocamento comum se consiste e o sujeito dentro de uma sociedade como passível de consumo e desmembramento. Tratar de um desmembramento do sujeito e falar de condições descentralizadas é não compreender a maneira como a experiência atual atinge diretamente o Ser.

Falar de uma descentralização do sujeito, você o coloca em questões puramente sociais e que não dão conta da capacidade de autonomia que a identidade de um sujeito propicia. Dos cinco argumento de Stuart Hall, um que não foi totalmente desenvolvido foi a concepção de Freud, principalmente quando diz:

> A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2006, pág. 39).

Ao tratar desse ponto, Hall não entende que há uma tensão mal resolvida nisso. Identidade a partir dos outros sugere que não há uma capacidade de reconhecimento de

si dentro de uma sociedade. Ou seja, o sujeito-sujeito só é reconhecido pelo Outro e pelo sujeito-sociedade, todavia, é necessário que haja uma compreensão de si, autônoma, para que só assim o indivíduo se insira dentro do campo social. Só há uma troca de identidades quando há uma concepção de diferença e por isso a identidade do sujeito não é resolvida nos processos sociais e sim em si mesmo. Portanto, o sujeito não está descentralizado e se desloca o tempo inteiro, o indivíduo está o tempo todo em processos de reflexão para garantir sua diferença e definição deste eu próprio, porém, muitas vezes, não há temporalidade para que surja esta interpretação, pela constante medida de atualização que o sujeito sofre dentro da sociedade midiatizada;

O indivíduo social se identifica consigo mesmo e não com os movimentos, antes de tudo. Cada nova significação exige uma autorreflexão. Dentro de um *bios midiático e virtual* com intensos bombardeamentos simbólicos, esta reflexão é muito mais constante e exige mais do sujeito. Muitas vezes, essa aceleração reflexiva não da conta de estacionar ou deslocar a identidade do indivíduo em certos aspectos. Nós como indivíduos, em relação própria (sujeito-sujeito) que nos constituímos como indivíduos em todo momento, mesmo com tantas ameaças externas.

> Vemos hoje nossa identidade como um produto de uma ação consciente e resultado da autorreflexão, mais do que como um dado ou uma herança. Somos nós que construímos nossa consistência e reconhecemo-nos dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais (Melucci, 2004, pág. 47).

Dito isso, antes do sujeito moderno se deslocar em diferentes tipos de concepções e movimentos, há o reconhecimento do sujeito moderno como próprio sujeito e isso dá outras características aos indivíduos, que consistem na preservação, conservação, reconhecimento e superação. Diante da produção e reconhecimento de si, estabelece seu tempo próprio, além do objetivo (exterior), que implica o entendi-

mento de ação de si mesmo e de seu mundo, reconhecendo sua capacidade de produzir e dividir com os outros, além de questões relações sociais e união de indivíduos dentro de um mesmo campo (sociedade).

Os processos de desagregação não ocorrem, pois há um processo de identização (Melucci, 2004), que expressa a mudança do indivíduo dentro desta sociedade. Há, realmente, as situações de contradição e diferentes tipos de identificação pelo sujeito moderno dentro da sociedade atual, todavia, antes que haja este tipo de conexão sujeito-sociedade, há uma reflexão própria, em que este indivíduo reconhece o grupo e se reconhece como parte dele. Este processo é interior, com medidas exteriores, mas que surge da reflexão interior acerca do campo em que está sendo amostrado.

Este conceito de reconhecimento é crucial para o entendimento do sujeito e este jogo social que é constante. As significações exigidas pelos símbolos cotidianos, que se instrumentalizaram e intensificaram com o processo de midiatização. Os protocolos técnicos em toda a extensão da organização social e a transformação de tecnologias em meios de circulação e de discurso, são fluxos que exigem uma nova capacidade de se colocar como indivíduo e dar sentido às informações que afetam, dando um novo tipo de funcionamento das dinâmicas sociais.

> Na sociedade da informação, nossa consciência torna-se cada vez mais reflexiva: não se trata mais apenas de aprender, mas de aprender a aprender, isto é, de controlar os processos cognitivos e motivacionais e adaptá-los a novos problemas. A potência tecnológica está acompanhada de uma dilatação sem limites das possibilidades simbólicas, da atividade autorreflexiva e da capacidade de espelhar e representar a realidade por múltiplas linguagens (Melucci, 2004, p.34).

As relações sociais também exigem uma nova concepção de indivíduo. Sempre em constante processo de reflexão e mudança, o sujeito passa a negociar sua identidade,

entrando num processo de metamorfose. O tempo exterior é objetivo, ou seja, pode ser dividido, possuindo início e fim. Por isso, há a necessidade de escolhas da ação individual. As escolhas cotidianas são impostas com certo grau de responsabilidade que muitas vezes exigem uma capacidade de individuação para que seja solucionado. Para corresponder a este tipo de multiplicidade, é necessário que o indivíduo não se desloque, mas surja uma capacidade de se reajustar, em virtude de conexão e união com as diferentes exigências. Este processo de doação, e negação também, exige uma capacidade de seus limites, de seu reconhecimento, de sua identidade.

Dentro do *bios virtual*, este tipo de metamorfose acontece de forma mais expressiva e intensa. No presente, nossa identidade precisa ser radicada para podermos fazer frente às transformações. Nos abrir e nos fechar é um movimento constante nesses processos comunicacionais para que não sejamos sufocados pelo excesso de mensagens e informações que o mundo de vigília propõe. Portanto, é entendível que este sujeito está em constante movimento para si, em virtude das pressões externas e internas que ocorrem, afinal, a reflexão é dada por um tempo interior (Melucci, 2004), ou seja, interno. Há uma tentativa de descentramento constante, que desemboca em uma centralização do sujeito, traduzido em reflexões constantes.

4 Considerações Finais

Expor o pensamento de Stuart Hall, em contraponto a de Melucci, nos promove uma discussão interessante acerca da relação sujeito-sujeito e sujeito-sociedade. Ao tratar deste dois pontos, evocamos a importância do que o autor italiano chama de Planeta Interno (Melucci, 2004).

Os constantes processos reflexivos caracterizam e dão forma ao que chamamos de identidade. O tempo interior que está em constante movimento precisa dar conta principalmente das ações constantes que a nova configuração de

mundo exige. Além das relações e o *bios virtual,* outro tipo de consequência surge dentro das questões de si.

Os símbolos que nos afetam diariamente são cruciais e são dimensões do mundo interior que ainda não compreendemos sua complexidade. Todavia, as imagens promovidas e que nos acertam, são constituições da nossa própria identidade. Usando o cone de Bergson, vimos que a base dele se remete às memórias constitutivas de nossa vida e na ponta dele, que chega ao outro plano, está a percepção, ou seja, nossas percepções estão atreladas àquilo que é de nós e está constituído em nós.

O movimento reflexivo constante, remediado apenas por questões externas, pode desembocar em uma bolha, promovida pela sua identidade. Os processos sociais e de constituição de si são afetados por constantes interesses e que podem ser tomados ou recusados o tempo inteiro. Essa identificação com certos fenômenos e elementos constantes surge da constante tensão de si em entrar em equilíbrio, porém, o equilíbrio precisa estar nos dois tempos já mencionados e não apenas no processo de aceitação, ou seja, de reconhecimento.

Apesar das relações de consumo estabelecerem o ser, este processo de reconhecer-se nas imagens ou nos *bios* já mencionados, ou seja, apenas no tempo exterior, são processos que tendem a esvaziar os conteúdos estáveis da identidade. A descontinuidade e fragmentação da experiência cria um esvaziamento do sujeito interno e que desemboca nesta redefinição de identidade, como capacidade de si mesmo, ou autorreflexiva. O Eu subjetivo se esvazia pela imagem e pelos símbolos que são feitos, a saturação da mídia em todos os níveis do processo social são fatores que intensificam isto. Esses constantes e complexos processes de consumo atrela-se a nossa memória e é neste ponto que existe a necessidade do diálogo sujeito-sujeito.

"O fetichismo da técnica não da conta da comunicação solitária" (Eclea Bosi, 2003, pág. 17). A aliança do Eu, que entra em diálogo, passa a ser uma condição crucial para a formação da identidade. O tempo exterior não supre a necessidade de compreensão de si, apenas exige determina-

dos padrões em que você se desloca de acordo com seus anseios e desejos, pois até isso é tomado como estratégia sensível. A relação sujeito-sujeito permite uma compreensão maior de si, seus limites, desejos e fluidez. Os diferentes tipos de percepções também surgem nesse caso, pois, com maior atenção ou consciência do ato, há níveis de reconhecimento da experiência que podem ser descobertos.

A aliança de si permite também seu cuidado com o corpo, a morada do seu tempo interno. Dentro das mutações modernas, diferentes tipos de elementos dão conta em padronizar, exigir e instrumentalizar o corpo, porém, é necessário ter momentos de perda e também de descoberta de si. O corpo é um elemento que foi repreendido em determinados pontos históricos e hoje exigimos sua condição dentro de um padrão simbólico determinado, que, porém, atualmente parece ser o caminho de reconhecimento de si, pois, os inúmeros *habitus* (Bordieu, 1999) próprios, desejos, anseios, escolhas e perdas são individuais. O corpo é na verdade o que lhe diferencia e lhe entrega a autonomia de si.

Este processo é crucial pela emancipação do indivíduo dentro da sociedade. A relação sujeito-sociedade é pautada, hoje, ainda, em conflitos, pois, as múltiplas escolhas e os processos de incerteza colocam o indivíduo em reflexão temporal objetiva, ou seja, que precisam de uma resolução em terminados tempos e isso gera uma frustração por não haver respostas quando necessário: “A cultura industrial considerou o conflito efeito necessário da exploração” (Melucci, 2004). A autonomia de si gera um reconhecimento perante ao campo social, o que permite a diferenciação. Apenas a sensibilidade dá conta desta compreensão, além da questão objetiva. O esforço de negociar as diferenças abre um novo vínculo humano que funda a solidariedade entre os sujeitos, ou seja, processo de emancipação[3].

3. Este processo de emancipação, identificação e bolha fica claro na questão mais recente de solidariedade, que é a morte dos profissionais da Chapecoense, piloto e jornalistas. A partir do momento da tragédia, aqueles que se identificam e conseguem ter a capacidade de escutar, compreendendo o caso, passaram a apoiar qualquer medida de reestruturação econômica da equipe, das emissoras que possuíam funcionários, familiar e pelos próprios torcedores. Estes

O afeto é algo que está ligado principalmente às características dessa identidade. A afetação, em diferentes níveis, é promovida quando há esta aliança dos fenômenos. A memória dos acontecimentos e dos fenômenos em nossa sociedade darão esta nova afetação do indivíduo e neste ponto o consumo torna-se crucial. As rememorações propostas na sociedade midiática acabam por constituir estas memórias midiatizadas (Bonin, 2010) que formarão a identidade do sujeito e pautará suas percepções acerca do mundo. A midiatização deste *bios* não modifica, necessariamente, o sujeito. O sujeito intensifica seu valor de contemplação principalmente. Este traço de confirmação e de relembrar apenas fixa mais ainda mais essas afetações e a experiência externa constitui o sujeito interno. A identidade parece se reafirmar mais vezes do que simplesmente se deslocado.

> Podemos pensar que estes referentes midiáticos atuam como elementos constitutivos dos esquemas suscitadores da lembrança quando esta deve, de recordação pura, transformar-se em imagem que permite o seu reconhecimento no processo rememorativo (Bonin, 2010, p. 10).

As múltiplas afetações que o ser humano possui são feitas por suas percepções, todavia, se o consumo se torna memória e elas direcionam seu olhar, parece que aquilo que te afeta cotidianamente, na verdade é aquilo que te constitui como sujeito. A identidade se desloca dentro daquilo que possui, ou seja, forma a bolha identitária da qual foi exposta. As mídias constituem o sujeito, pelo processo de rememoração, a partir do momento em que direciona certos acontecimentos, em virtude do fundo memorial que o sujeito possui.

---

elementos reuniram identificações diferentes e solidariedades tamanhas que não somos capazes de expor todos os exemplos neste artigo. Todavia, os processos de solidariedade conquistaram um apoio global, que foi dissipado pelas emoções e reconhecimento que o esporte traz. A Chapecoense passou e passará a ser um time do planeta interno de cada torcedor e do esporte. A identidade se modela com estas novas emancipações e problemas mútuos que a sociedade tem, não só como o exemplo da ecologia, que Melucci menciona.

Todavia, alguns assuntos que são presentes na característica objetiva espaço-temporal é o que nos une. Parece que nossas diferenciações e harmonia são necessidades que nos conectam. Ou seja, a autonomia do ser, permite que você se integre e se distancie do campo social, mas permite também a harmonia de indivíduos tão diferentes em uma mesma realidade colocada. A questão é que este processo de intensificação da bolha, com a lógica tecno-racional do *bios midiático e virtual*, esconde algumas brechas ou silêncios que existem na sociedade, mas não constituem inteiramente o seu planeta interno. O afeto é midiatizado muitas vezes, mas ainda constitui sua base sensível, decorrente do tempo interior e da dobradiça (Melucci, 2004) diária do sujeito neste contexto midiatizado.

A comunicação do sujeito com a sociedade muda. Dentro da sociedade, os indivíduos possuem memórias constitutivas parecidas, como Halbwachs demonstra. O consumo simbólico permite um plano de fundo que forma identidades e grupos com mesmas memórias midiatizadas. A identidade passa a ser tratada como um fenômenos criado pela mídia também: programas de TV, músicas, portais, interesses e outros mais fenômenos passam a englobar indivíduos em um mesmo produto cultural criado.

A relação sujeito-sujeito, neste processo de identidade midiatizado pode revelar características positivas, em que há uma maior criação de identificação nestes agrupamentos, todavia, também impõe características peculiares quanto a sua fixação com o tempo externo. O indivíduo passa a ser reconstituir em suas reflexões, todavia, surge uma questão externa de se abrir sem mediações e isso impede que se constitua como si. O processo de individuação também é importante para sua diferenciação e reconhecimento do ser, parecido em certos elementos e únicos em sua complexidade.

Referências

BERGSON, H. 1989. *Seleção de textos e tradução Franklin Leopoldo e Silva.* Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, páginas 112 a 271.

BONIN, J. 2010. *Investigando memórias midiatizadas.* Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_jiani_bonin.pdf. Acesso em 01/12/2016.

BOSI, E. 2003. *O tempo vivo da memória. Ensaios de psicologia social.* 2. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, páginas 9 a 197.

BUBER, M. 2015. *Eu e Tu.* Tradução Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo. Editora Centauro, páginas 50 a 128.

COULDRY, N. 2015. *O tempo e as mídias digitais: o aprofundamento do tempo, déficits de tempo e configuração da narrativa.* Disponível em: http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/download/332/340. Acesso em 01/12/2016

HALL, S. 2006. *A identidade cultural da pós-modernidade.* 10ª edição. DP&A editora, página 9 a 22.

LEAL, B. MENDONÇA, C. GUIMARÃES, C. *Entre o sensível e o comunicacional.* 2010. Belo Horizonte. Autêntica Editora, páginas 32 a 54.

MAIA, K. ARAÚJO, E. 2012. *Memórias midiatizadas: a noção de ciência construída pelos indivíduos a partir do consumo midiático.* Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/download/6999/pdf_1. Acesso em 05/12/2016.

MARTINO, L. 2007. *Estética da Comunicação: da consciência comunicativa do "eu" digital.* Petrópolis. Editora Vozes, páginas 10 a 68.

MEDINA, C. 2008. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos.* São Paulo: Summus Editorial, páginas 17 a 58.

MEDINA, C. 2006. *O signo da relação.* São Paulo, Editora Paulus, páginas 67 a 79.

MELUCCI, A. *O jogo do Eu.* 2004. 1. Ed. São Leopoldo, Editora Unisinos, páginas 17 a 69.

SARLO, B. 2013. *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo.* Tradução Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, páginas 12 a 113.

SODRÉ, M. 2014. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional.* Petrópolis, Editora Vozes, páginas 72 a 164.

SODRÉ, M. 2006. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.* Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, páginas 78 a 115.